

Costa de Oiro



1938 - JAN.
1 \$ 50

NOTICIÁRIO

FOI oferecido, no dia 27 de Dezembro findo numa das Salas da Sociedade Filarmónica Lacobrigense, um banquete de homenagem ao ilustre lacobrigense Sr. Francisco Moreira Pacheco, promovido por um grupo de amigos, como preito e reconhecimento pela maneira como, durante oito anos, se soube conduzir na Presidência da Camara Municipal.

A assistência, numerosíssima, era constituída por elementos das várias camadas sociais, que por completo enchiam a sala.

A mesa de honra era constituída pelo homenageado tendo à sua direita os Srs. Eng. Lino Galvão e Dr. António Henriqué Balté, e à esquerda os Srs. Dr. Vasco Gracias e Cap. José Amado da Cunha.

No fim do banquete que decorreu num ambiente em que as notas mais evidentes eram a sinceridade e a simpatia, usaram da palavra os Srs. Dr. João Vasco Gracias, Dr. António H. Balté, Dr. J. Machado Ribeiro Lopes, Dr. A. Guerreiro Tello, Paulo de Moraes e Dr. Manuel Anselmo, que sob vários prismas enalteceram as superiores qualidades do homenageado.

Por fim, o Sr. Francisco Moreira Pacheco verdadeiramente sensibilizado, agradeceu a homenagem que lhe estava sendo prestada, tendo assim terminado uma festa tão simpática como sincera e justa.

NO dia 1 do corrente, perante uma numerosa e selecta assistência, foi conferida, no Salão Nobre da Camara Municipal, a posse à nova Edilidade.

Presidiu à Sessão o ilustre Presidente da União Nacional, Sr. Dr. A. Guerreiro Tello, que representava Sua Ex.^a Sr. Governador Civil, que se fez secretariar pelos Srs. Moreira Pacheco e Dr. Vasco Gracias. Usaram da palavra os Srs. Dr. Guerreiro Tello, Moreira Pacheco, Dr. Vasco Gracias, Dr. Manuel Anselmo e, por último o Sr. Dr. Júdice Cabral, Presidente da nova Edilidade, em seu nome e em nome dos Vogais Srs. Jacques de Oliveira Neves e A. S. Simões Netto.

A distribuição de funções ficou assim fixada:

Presidente Dr. A. Júdice Cabral, estando a seu cargo os serviços policiaes.

Vogal Jacques de Oliveira Neves — Saúde publica, cultura e assistência.

Vogal António S. Simões Netto — turismo, urbanização, obras municipaes e fomento.

AOS nossos muito ilustres conterrâneos e colaboradores Srs. Dr. António J. Júdice Cabral e Jacques de Oliveira Neves e ao nosso querido Director, Sr. António S. Simões Netto, não queremos deixar de apresentar as mais sinceras felicitações pela honra que o Governo e o Conselho Municipal lhes concederam, alta justiça às suas superiores qualidades de inteligência e de trabalho.

DAMOS a seguir notas das diferentes Comissões dependentes da Camara Municipal.

Comissão Municipal de Turismo — António S. Simões Netto, Presidente; Vogais: Dr. José Santos Pimenta Formosinho, Dr. António Guerreiro Tello, Dr. João Vasco Gracias, José de Abreu Pimenta, Cap. Leonel Netto Lima Vieira e Cap. João de Albuquerque Veloso.

Comissão Municipal de Arte e Arqueologia — Jacques de Oliveira Neves, Presidente; Vogais: Dr. José Santos Pimenta Formosinho, Arquitecto Assumpção Santos, João Moreira Fernandes, e Rev. Francisco António de Cermeo.

É do nosso conhecimento que a nova Comissão Administrativa está empenhada — e para isso trabalha — na obtenção de altos benefícios para esta cidade.

Que os lacobrigenses saibam dar o apoio tão útil e necessário a quem pelo progresso da sua terra trabalha tão inteligentemente e com tanta boa vontade.

ASEPTOGINIA HIGIENE

Não é um medicamento, mas sim um elemento indispensável na Higiene Intima das Senhoras.

De cheiro muito agradável, não produz manchas na roupa, podendo ser empregada sem qualquer resguardo.

COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE

LABORATÓRIOS, 13 Rua VÍRIATO 17
FARMÁCIA ESTACIO, 63 — ROSSIO — 63

Lisboa

A subscrição aberta pela nossa Revista para promover o Ano Novo da « Costa de Oiro », rendeu a importância de 150800 que foram distribuídos por 30 pobres, à razão de 5\$00 a cada, no dia 31 de Dezembro último.

Em nome dos contemplados, mais uma vez apresentamos os nossos agradecimentos.

VISITARÁ brevemente esta Cidade, acompanhado de sua Esposa e filhos o ilustre escritor Dr. Samuel Maia.

NOTICIÁRIO

TRÊS ANOS DEPOIS

Entra-se, com este número, no quarto ano de existência.

As publicações, ao contrário dos homens, desejam envelhecer. O jornalismo, mesmo o de mais modesta envergadura como é o caso da Revista Costa de Oiro, é uma escola de experiência, uma escola que não teme a velhice — precisa dela, como dos ditames da vida equilibrada e activa. Administrar e dirigir uma publicação que vive apenas do rendimento fluctuante das assinaturas, ver multiplicar algumas dedicações à nossa roda, conquistar, gradualmente, o aprêço do público, aumentar o número de secções, de colaboradores e assinantes, cumprir com os deveres de uma publicidade que serve os interesses da terra, estreitar os laços morais dos lacobrigenses distantes ao seu canto natal, melhorar os quadros de colaboração e o aspecto gráfico da revista, recompôr, pouco a pouco, o material técnico de composição e impressão, e adextrar um pessoal que, sem vaidade, honra a arte tipográfica do Algarve, revelar, emfim, os bons amigos de Lagos e acarinhar alguns valores positivos da cena literária e científica da nossa Província — já se nos afigura, pelo menos uma primeira parte de uma verdadeira obra de regionalismo que havemos de continuar a bem da Cidade, do seu Povo e prestígio lá fora. E todavia, como dissemos no dia do terceiro aniversário: «Costa de Oiro» é uma publicação demasiado pequena para que cruzemos os braços e já muito na alma e na consciêcia recta dos seus assinantes e colaboradores para que a julgemos *nossa*.

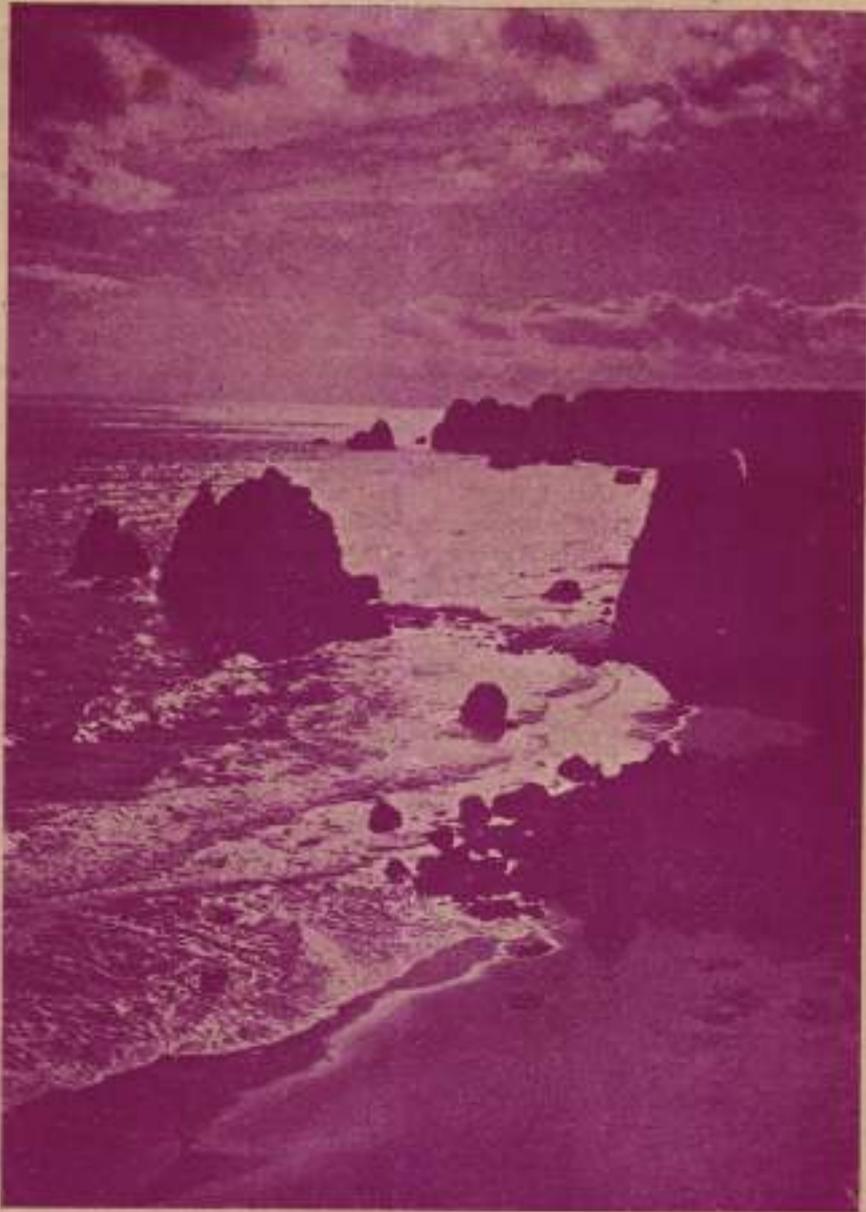
Não servem estas colunas puernas de *lana caprina*, e nem se admite aqui a mais ligeira ofensa às ideias políticas ou às crenças dos nossos leitores. E' com a calma e inalterável beleza de princípios sãos que têm orientado a técnica simples da revista, que se pode a um tempo, levar em forma leve, ao público, algumas imagens e aspectos de propaganda e recreio visual, de envolta com as ideias nobres, que não fatigam, e são, sobretudo, obra da pena e do talento dos nossos distintos colaboradores. Não é demais fazer justiça, e encarecer, que a eles se deve o êxito e a serena frescura literária da Revista Costa de Oiro.

Com modestos recursos de dinheiro não se poderia fazer mais. É a circunstância de nunca excedermos, com vaidades e gastos inúteis, os limites das relativas possibilidades — dá-nos aquela independência essencial para que possamos viver, sem sobressaltos de maior, e cumprir, com honestidade, os deveres da pequena imprensa. O nosso desejo é que estas páginas possam espalhar sempre a simpatia necessária à realização inteira do plano que gisamos.

Leitores: apesar do agradável espanto e surpresa de alguns, ou das mais desmedidas esperanças de outros, vamos entrar, com mão firme, no quarto ano de existência.

Continuaremos um trabalho humilde, é certo. Mas nele — não duvideis — há fé na nossa vontade e fé na nossa terra.

TRÊS ANOS DEPOIS



LAGOS — COSTA DE OIRO

CREPUSCULO

Costa de Oiro

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA REGIONALISTA

Director:

ANTÓNIO SABINO SIMÕES NETTO

Editor:

ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Patrocinada pela
Comissão Municipal
de Turismo de Lagos

Prop. da Sociedade Propaganda da
Costa de Oiro (em organização)
Rua Dr. Joaquim Telle, 1 - Lagos

JANEIRO - 1958 N.º 57

Civilização

Por Leonel Vieira

As notáveis aquisições de saber destes últimos anos, este assombroso engrandecimento das possibilidades materiais humanas em tantos campos da actividade atestam um progresso real que nos leva à persuasão de que temos assistido a um notável incremento da civilização. Mas será inteiramente assim? É certo que no campo meramente material da energia e da máquina, como no da análise e da criação puramente científica, importantes realizações parecem justificar completamente o nosso orgulho de pretensos civilizados, mas se as olharmos através da melhoria que representam para o aperfeiçoamento da dignidade humana, em bondade, em clarividência moral, em afirmações de uma verdadeira nobreza de espirito, que formidável desilusão nos é oferecida. Ricos por ventura dos meios mate-

riais que facilitarão o trabalho e multiplicarão até ao infinito os produtos fabricados, bem pobres estamos de quanto represente oiro moral de hábeis realizações tendentes a elevar os ideais humanos, a ennobrecer a vida, a satisfazer as piedosas aspirações daqueles raros que ainda sabem olhar, com humana ternura, os outros caminheiros da vida, interessando-se pelas suas angústias e misérias, buscando criar um ideal humano que amplamente realize uma perfeita harmonia social.

Esse vil egotismo, esse dominador feroz da época em que vivemos atesta-nos como esquecidos estamos das mais belas e amáveis concepções da inteligência, e daquelas intimas sensibillidades, que outrora iluminaram certas consciências, e nos revelam esse quid divino - a alma.

Que solidariedade bem assente, que chama espiritual de nobres emulações, que realizações efectivas nos revelem o puro desejo de realizarmos, com o esforço e a recta consciência de todos, um mundo melhor?

O homem não soube colher da doutrina cristã os frutos sazonados que ela lhe ofereceu. Cristo surge mais, ainda hoje, como bandeira agida de combate, do que como lábaro simbólico da paz e fanal orientador da pura misericórdia.

Dessa doutrina de amor fizemos casula doirada de que nos revestimos nos raros momentos em que nos apraz loucar, com luxos espirituais lucilantes, a nossa tenebrosa miséria interior!

Vejam-se neste estonteante século, de pretendidas luzes, se observa algum progresso moral verdadeiro, pela comparação das nossas virtudes, requintadas pela educação e pelo estudo, com as qualidades, quasi intuitivas, que são pura florescência, perfeitamente natural, na alma embrionária do selvagem:

Contam-nos todos os colonialistas estas virtudes simples do sertão: o cafre miserável, a quem se dá um cigarro, reparte-o fraternamente com aqueles que o rodeiam. A malga do caril ou da mandiôca, que um grupo está utilizando, é livremente aproveitada pelo recenvindo, inteiramente desconhecido, a quem apraz o conforto do alimento.

Observa-se isto em pleno sertão, entre miseros selvagens. É caso para meditarmos, não é verdade? Que fez a nossa pretendida civilização desta estranha virtude que já era familiar ao selvagem?

Comparemos estes factos com o que se

observa entre nós, onde morrem ou fenecem todos os organismos de assistência, todas as mutualidades úteis e, dum modo geral, todas as instituições de benemerência e amparo social. É mais uma triste manifestação do desinteresse — quasi superior — que tantas pessoas revelam pelos factos colectivos.

Será isto verdadeira civilização?

Infante D. Henrique

I.ª parte do livro
Velas Gloriosas
de LANDERSET
SIMÕES

O promontório passa envolto em bruma densa,
embalando os heróis desta aventura imensa.

Deslizam Caravelas
de encanto nunca visto,
ensangüentadas velas,
levando a Cruz de Cristo.

Suba ao tope da gávea o pavilhão real!
Ó bombardas, salva!
Salvai galés d'Elrei, ó nau de Portugal!
Saudai Sagres, Saudai!

Janela sobre o mar que Deus ali rasgou
para que alguém cumprisse o que vaticinou;

O dedo indicador que Deus lá fez surgir,
marcando a Portugal a estrada a descobrir

ninho de águas que o mar sacode palpitante
e aonde se criou a alma dum gigante;

retiro conventual da escola árdua e dura
que soube aproveitar o génio de aventura

da geração seguinte àquela que vivera
a vida a pelejar e a pelejar morrer,

da geração seguinte àquela cuja cota
já servira em Trancozo e Idra e Aljubarrota.

PORTUGAL NO INVERNO

Pelo Dr. J. M. Ribeiro Lopes

Há, na Europa, um país que por excelência — sabe-o o mundo — deve ser visitado no inverno: é a Suíça.

A impassível candura das águas aniladas de seus lagos, cortada de quando em quando pelo elegante barco de excursões, e a eloquência espectacular das suas montanhas nevadas, deram à Suíça renome turístico invejável.

E a Suíça soube aproveitar-se de tal circunstância. Mercê duma organização turística interna insuperável e duma organização de propaganda inteligente no estrangeiro, a Suíça goza hoje os louros do seu renome e vive quasi exclusivamente de turismo.

Mas deambulam pelo mundo, como aves caprichosas e multicores, turistas, com seus kodaks e seus casacos de xadrez, dos mais delicados paladares espirituais, pescadores insatisfeitos de emoções da natureza, retinas que jamais se cansam de fixar o belo, espíritos que jamais se cansam de deambular...

A esses casacos de xadrez, fartos das neves altivas da Suíça, dos nevociros eternos de Inglaterra, das extensões verdosas do sul da França, da eloquência monumental da Itália, dos arranha-ceus e do movimento trepidante da América e, acima de tudo, fartos do frio encarquilhante que por esses países faz, digamos, cavalheirescamente, com a clareza do nosso Sol e com o colorido da nossa paisagem, que em Portugal há beleza e, ainda mais, — que em Portugal há calor...

Aos telegramas geladíssimos que as agências internacionais de informações nos enviam do mundo inteiro, nesta qua-

dra do ano, comparemos as temperaturas que nas estações metereológicas oficiais portuguesas foram registadas.

E somos forçados a concluir que Portugal, e especialmente o sul, é uma estância de inverno por excelência.

Organizemos, pois, à imagem da Suíça, com os carinhos e as dedicações que tal instituição requiere, o turismo em Portugal. Apresentemos bons auto-cars, motoristas atenciosos, cicerones limpos e barbeados, janelas floridas, sorrisos alvos, povo correcto, restaurantes e hotéis confortáveis, e todos esses pequeninos nadas que agraçados às belezas naturais do nosso país, podem vir a fazer d'ele uma nação turística de renome, do qual nós, no nosso comércio e na nossa indústria, seremos, depois, os únicos a saborear, gostosamente, seus verdadeiros louros.

Mas se, por enquanto, isso fôr sonho megalómano, entretenhamo-nos a mostrar aos portugueses o nosso Algarve.

Seja o Algarve a Suíça de Portugal! Não pelo seu frio mas pela sua beleza especial. Pela neve quente e perfumada que em meses de Janeiro e Fevereiro nos apresenta, e por todos esses mimos de beleza que possuímos e que havemos de saber mostrar com o mesmo carinho com que a Suíça mostra as suas belezas ao mundo.

Por isso, portugueses, vinde ao Algarve, que é beleza, é amenidade, é oiro e é vida — porque é Sol e é Mar!

LAGOS, Janeiro de 1938

AS CHAMINIÉS



ALGARVIAS

PELO DR. MARIO LYSTER FRANCO



O mais curioso ornamento da casa algarvia, a nota mais característica das suas linhas vulgares, é a rendilhada chaminé que quási sempre a sobrepuja, pitoresco detalhe em que o pedreiro da região dá largas à fantasia, procura ser criador, assinalar sua passagem.

Torna-se, por isso, extremamente interessante observar as chaminés algarvias do alto de uma açoteia, vê-las espreitando pelo esquinado dos telhados, assoando por entre o verde intenso da vegetação, como recorte que sobressai na casaria vista ao longe, atalaias vigilantes, esbeltas tórres de menagem de um qualquer castelo cujas linhas gerais se tivessem perdido na distância.

Tôdas entre si diferentes, variando de uma a outra no seu aspecto, ou então variando num pormenor de tal forma insignificante que se não apreende à primeira vista, mas variando sempre — Louvada seja a fantasia dos homens! — esta mais trabalhada do que aquela, de linhas esquadradas e singelas, além uma de tal modo rica de côres e de ornatos que mal empregada temos que a considerar para ennegrecer-se de fumo e esconder-se assim sobre um telhado, dir-se-iam desenhadas por qualquer architecto de bom gosto, ou produto de uma prodigiosa escola de senhores mestres alveneis.

Existem casas pobríssimas, perdidas no meio do campo, com chaminés que são verdadeiros monumentos. É que, na verdade, tudo pode ser pobre e usado, as cantarias poderão ter cedido lugar a fingimentos de argamassa, as telhas poderão ter perdido já o vermelho de quando novas e apresentar-se com o verdete pró-

prio da resistência a algumas dezenas de invernos, poderá o próprio telhado ser de colmo, como nalgumas velhas construções da beira-mar em Quarteira, mas a chaminé — Santo Deus! — será sempre o brinquinho da casa, fantasista, rendilhada, representando vários dias de trabalho para o pedreiro que fez o resto no menos tempo possível e que foi, ao construí-la, caprichoso e poeta como nunca. Incapaz de levanta-la mediante desenho que lhe dessem, incapaz, sem grande esforço, de reproduzir qualquer outra que tivesse ele

m e s m o
construído, assinala dessa forma a sua imaginação prodigiosa, tal como os canteiros de outrora esculpindo caprichosas siglas nas pedras que lhes passavam pelas mãos. E no interior, junto às fornalhas, lá fica por vezes o baixo



Um lindo tipo de chaminé

NO JARDIM DAS ILUSÕES

O ENTERNECIDO ROMANCE DAS AMENDOEIRAS EM FLOR QUE SÓ PODE SER LIDO NO ALGARVE



Por Manuel Anselmo

Nenhum outro espectáculo natural é tam formoso, tam singular e tam surpreendente, como o das amendoeiras floridas. Nem sequer o do mar nervoso, colérico, arrogante, quando as suas ondas iradas se erguem em caprichosas curvas e se despedaçam contra as rochas em miríades de gotas de alva espuma. Nem sequer, ainda, o dos floridos horizontes primaverís, o das matinas perfumadas e coloridas, o dos campos matizados de flores avulsas e diversas. As amendoeiras em flor são, pela fragilidade das suas pétalas, pela melancolia e intensidade dos seus perfumes e pela quantidade e variedade das extensões floridas, a paisagem digna dos maiores deslumbramentos.

Venham vê-las, todos, a estes campos algarvios onde, a-pesar-das chuvas e dos ventos, as umbelas das amendoeiras são feitas, agora, de minúsculos florinhas, dando a impressão, pela sua quantidade, de numerosas borboletas, brancas umas, outras rosadas ou azuis, que houvessem poisado, por qualquer acaso, nos, até então, desgraçados braços dessas árvores. Tem legenda o espectáculo poético. Vistas de longe, as amendoeiras em flôr são vestidos de noiva da mais virginal pureza. Apreciadas de perto, não sei que mensagem pagã e sensual irradia de seus perfumes fortes e doloridos. Creio, por isso, que nenhum espectáculo mais feminino poderá ser descoberto à superfície da terra. Corri Sagres, a Vila do Bispo, Búdens, Lagos, a Meia Praia, Portimão, Silves, todo o Barlavento do Algarve, e, sempre, a mesma impressão de beleza clássica e a mesma forte emoção dos sentidos, me acompanharam no formosíssimo e legendário panorama.

Há amendoeiras, cujas flores minús-

culas e frágeis parecem de cristal. Há nas suas pétalas, qualquer coisa de frio, de glacial, de transparente. Voça, nelas, a lembrança de virgens mortas, de adolescentes de seios em botão, adormecidas para sempre no encantamento da morte. Outras há, gráceis, vivas, joviais, e os seus perturbantes perfumes revelam fundas ansiedades amorosas. São as amendoeiras, cuja flor rosada afirma o seu parentesco com os lívres dos poentes escarlates. À beira delas, deslumbrados os olhos com a riqueza do espectáculo e embebedadas as narinas pelas suas essências peregrinas, há singulares tentações de prazer. Será o pecado da cor que lembra corpos nus e enlanguescidos? Mas as flores azuis que, pela sua raridade, são as mais belas e com as quais se poderia bordar um novo manto para Nossa Senhora, não demoram, um instante, a confirmação de pureza.

Certa amendoeira que encontrei nos campos de Silves, solitária entre figueiras viúvas e entre alfarrobeiras friorentis, contou-me, através da sua florida e nevada linguagem, que nela reviviam almas de amorosas célebres. Estava enfarinhada de florinhas brancas. Arranquei-lhe um ramo e, logo que o aspirei, vinte ou trinta botões me beijaram sôfregamente. Que lábios apetitosos e irreais, disfarçados na saúde de tam frágil vestuário, teria eu tido a dita de sorver? Ainda conservo o ramo, e já lá vão uns dias depois que o arranquei. Quem sabe se o seu último perfume, logo que do ramo caíam tôdas as pétalas saúdosas, me não dirá o nome dessa patricia encantada e desses lábios saborosos que beijei?

Não se diga, porém, de acôrdo com

as aparências que a flor de amendoeira é flor de neve. Talvez eu o confirmasse se não fôssem os seus perfumes bailarinos. Elas são sem dúvida, um espectáculo de virgindade, exactamente como o dos cisnes vogando por sobre as águas esverdeadas dos lagos. É, também, certo que, através das grandes quantidades floridas, há presenças iniludíveis de fino mármore, inanimadas ou desfalecidas. Mas flor de neve, nunca. A neve é igual ao pólen que as abelhas transportam das corolas transitórias. É água que se bebe ou se evapora, síntese irremediável do precário humano. A flor de amendoeira, mesmo a rosada e graciosa, é, sempre, uma flor — saúde: já viveu noutras eras, já foi existência real, já amou e se desiludiu, mas hoje não é mais do que a lembrança, todos os anos acentuada, de certas princesas de jaspe que nas primaveras noivaram. Ela é frágil, por isso, mais frágil, ainda, que a das violetas torturadas onde tantas angústias e desesperos se ocultam.

Venham, todos, ver, a este Algarve feiticeiro, nas corolas perfumadas e femininas da flor de amendoeira, a legendária ressurreição de virgens mortas! Venham aspirar, nos seus perfumes, o segredo de passados amores e a melancolia de certas recordações desfeitas em pranto! Venham lembrar, ao luar, o encanto da adolescência nestas minúsculas pétalas de tão perturbantes e matinais essências!

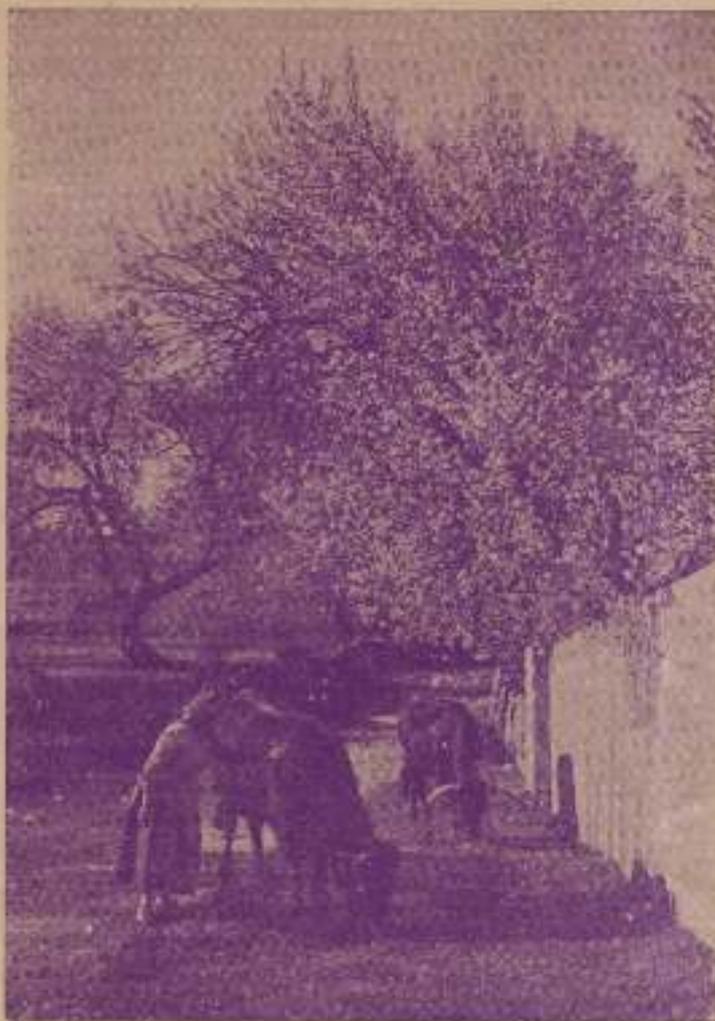
O Algarve, nesta época, é o país da virgindade e da legenda. Há uma amendoeira, em Lagos, que, pela sua cenografia de pureza, acorda recordações místicas na alma de quem a contempla. Está, antes da Luz, num dos campos férteis que vão dar a Santo Estêvão. Todos os que a apreciam e na sua contemplação se demoram, repetem uma idêntica sensação de pureza, de tranquilidade moral. Outros pressentem, com assombro, o vocativo imperioso da ternura celeste. Suas flores são brancas como o algodão das manhãs claras de certos invernos radiantes. Seu perfume é místico e parece incenso pelas emoções que provoca. O vestido dessa amendoeira nupcial distingue-se do das demais, pois é suave, inocente, e tem sublimidade o manto florido. Que prazer eu tive quando, em seu regaço da-

divoso, respirei saúdades perfumadas de minha mãe!

As amendoeiras parecem, agora, pedaços de nuvens, tal é transitoriedade e a fragilidade dos seus botões floridos. Em quinze, vinte dias, se desfaz a floração. O bando de pombas que são as geniais florinhas voa rápido, em direito ao céu, e nem sequer nos lega a carícia sensual de seus perfumes. Antes da primavera, já há longes floridos no Algarve. Venham vê-los, todos, se quiserem deslumbrar os olhos, enriquecer a alma de emoções inéditas e fornecer de sonho a sensibilidade ambiciosa! Mostrar-lhes-ei uma amendoeira toda florida de azul, na Meia Praia, quasi à beira do mar, esquiva e rápida como a mirada de uns olhos marejados de lágrimas. Ela dirá, a



LAGOS — Inverno florido em primaveris anacios



LAGOS — Caminho da ventura e de ilusão

todos, que o mar, ali próximo, é o seu noivo impossível e, também, que, em outros tempos, foi balada de amor em olhos de zagais e em corações de pastoras. Ela fará, em seguida, a apresentação de uma esbelta amendoeira aristocrática, princesa de olhos irresistíveis, que perpetua a singular frieza de quem só teve ritmos e rendas em vez de carne e coração. Pedirá, depois, a tôdas as companheiras que ali enchem uma extensão de quasi dois quilómetros, que confirmem a sua opinião sobre o amor e sobre a vida. E elas dirão que tudo é transitório como as suas pétalas brancas, rosadas ou azuis, vaporosamente irreais em sua legenda de saúde. O amor, confidenciou-me certa flor escondida

e envergonhada de uma amendoeira adolescente, é tal e qual como o capricho dos ventos que lhes levam as pétalas e deixam o perfume. Respondeu-lhe, logo, uma amendoeira velhinha, que o amor é como o sol: é jovem pelas madrugadas, é forte ao meio dia, é melancólico aos poentes, e é saúde ao anoitecer. Daqui a dias nada restará do filme imaterial deste espectáculo único pelo seu perfume, pela sua beleza e pelo seu mistério. Em compensação voltará brevemente a primavera. Mas que importa? Só daqui a um ano teremos outra vez o convívio dessas almas errantes e quiméricos que se vestem de lua cheia e se espalham, a esmo, pelos ramos das amendoeiras, numa intensa camaradagem de fugidia vida. Durante quinze dias, todos poderão beijar, ainda, neste Algarve de maviosos poentes, mãos frias de princesas e lábios assucarados de adolescentes.

Não percam o espectáculo das místicas núpcias dos perfumes e das flores, dos rouxinóis e do luar, neste ambiente poético digno dos frizos florentinos. Talvez encontrem, nele, recompensas. A mim me aconteceu ter tido a dita de encontrar, poisada num galho de uma amendoeira, uma saúde que me tinha fugido da minha gaiola de emoções. Perguntei-lhe notícias de certos olhos que beijei. Nada me respondeu, a fu-

gitiva, mas tive a impressão, ao mirar o conjuncto das suas pétalas, de que toda a flor era uma lágrima tremendo em minhas pálpebras...

Cada amendoeira florida tem o seu romance. Quem tiver olhos que o leia, o decifre ou o percorra. Basta, porém, de inconfidências. Venham ao Algarve, agora, e todas encontrarão nas flores da amendoeira, o documentário daquelas saúdes e emoções que já sentiram...

MANUEL ANSELMO

N O V E L A

AMOR DE CIGANO

Por ALICE RIBEIRO



Foi no ano de 191... Estávamos em Agosto, e em Portimão, — a linda princesa algarvia — havia, naquele domingo, a feira polícroma e bizarra, de tonalidades mais vivas, pois o crivo vermelho do sol joeirava, mais baixo, a poalha doirada dos seus raios.

Asfixiava-se, no rumor cavo dos gritos e pregões, comprimidos no tumultuar vagueante daquela multidão heterogênea, a tressuar, entre as tendas de buziçangas, sem rumo, nem sossêgo.

Grunhidos e relinchos de animais, perfumes fortes de fructos misturavam-se com o cheiro acre, salíneo da maré viva, que o Atlântico golfava pela garganta da Angrinha e que triunfante, se derramava pelas margens fronteiras, como prata fundida por lava ardente.

Chegara na véspera, com seus gados e numerosa criadagem, uma poderosa família de ciganos — Manuel Litro, sua mulher e dois filhos, José e Ricardo, dois lindos moços...

Era uma família feliz. Oriundo da Andaluzia, Manuel Litro, conhecera a mulher, formosíssima, numa noite cálida e luarenta, no Bairro de Triana, em que ela soberba de graça, dançava a «malagueña». E logo passaram a ser duas almas que se fundiram num destino a que só a morte poria fim.

Riquíssimos e honrados, — coisa rara nesta grei — seus gados importados da Tunísia e da Argélia, eram famosos, e, fornecedores da fidalguia espanhola dêles também se fornecia a burguesia portuguesa, das melhores parelhas para os seus landaus.

José, era o braço auxiliar do pai — cigano valente, picador impávido, adestra-

do, seria capaz de montar uma zebra... O outro, o mais novo, era diferente, mais delicado de natureza e sentimentos, vivera até aos quatorze anos numa vila ribatejana, em casa dum negociante de cereais, amigo da família Litro, onde frequentara a escola e fizera exame. Crescera, tomara gosto pela leitura, e a vida nómada que os pais, por virtude de ofício tinham de levar, enfastiava-o, lamentando não ter um lar fixo como aquele em que fôra criado. E às vezes, eclipsava-se...

Espiritualista, seduzia-o o ambiente snob dos salões, o flúido mágico da música, o deslumbramento dos grandes panoramas, e naquêle dia, afogueante, alheado do movimento dos feirantes, montado no seu ginete árabe, chapêu à Mazantine, calções à Chantilly, cavalgou para as bandas da Praia da Rocha.

Ele sabia que Ela estava lá. É que o moço cigano tinha na alma um sonho de luar. Conhecera-a por ocasião duma grande feira alentejana — o rosto lindo, assomando, receoso, por entre as persianas envidraçadas do grande solar.

Como êle a olhara extasiado!

E Ela, serena, também o olhara, presa, talvez, do mesmo encanto. Olhavam-se sem nunca ainda se terem visto, mas parecia que um mundo secreto de emoções os ligava já! Alguém o informou, então, que ela partia a veranear para a mais linda praia algarvia.

E êle, para lá ia ansioso, a repicar-lhe no peito o sino inquieto duma saudade doce. Não media a distância social que os separava, queria tornar a vê-la, conhecer-lhe a voz, saber-lhe o nome...

Marulhava o mar ensaboando a cripta

filigranada dos rochedos. Adormecia o sol na concha rubra do ocaso. A praia era vasto lençol doirado recamado de pérolas. E Ela, lá estava na ponta abrupta, olhando o mar, sózinha, a sonhar talvez com êle...

Viram-se, falaram-se, chamava-se Maria, e Ricardo deu o nome, mas ocultou a sua origem — foi êsse o seu crime... À noite, iriam ao Casino, dançariam juntos, ela o apresentaria às suas amigas.

Assim se passaram alguns dias.

A família Litro havia retirado e o moço cigano, distinto de porte e perfeito no trajar, ficara na praia, a desfiar o rosário curto do seu sonho louco. E ambos sonharam muito...

Uma noite, no Casino, um indivíduo freguez do pai, assestando a luneta reparou nele e pasmado gritou-lhe: Oh! rapaz, quem te trouxe para aqui? E, voltando-se para os amigos, esclareceu alto: — Mas é cigano, é um dos filhos do Manuel Litro!

Ricardo, ergueu chocado, o olhar sumido, para logo o pousar no chão. Todos o fitavam. As raparigas escondiam o rosto, confundidas por lhe terem cedido alguns momentos de dança.

Maria petrificara, emudecera.

Rebentara o escândalo, cochichava-se. Ricardo saiu cambaleante, e tãda a noite vagueou, semi-louco, pela costa escarpada da falésia. Estalavam-lhe as fibras da alma! A cabeça em fogo, sentia febre. Oh! se pudesse deixar de ser cigano, deitar fora tãda a gôta do seu sangue maldito, cortar os vínculos da raça nômade de que descencia e poder erguer bem alto, perante aquela sociedade que o escorraçava, tãda a rectidão do seu character e tãda a magnitude do seu amor! Dêsse amor que era pedaço de si mesmo faulha da sua vida e que as próprias leis da sua grei condenavam! Alguns dias depois, fundeou na barra um grande vaso de guerra. Franqueara-se a visita. E tãda a colônia balnear em barcas e em gazolinas, acorreu a visitá-lo, sedenta dum espectáculo novo. Maria foi com o pai. Ricardo seguia-a a distância num pequeno barco. A multidão apinhara-se

junto do couraçado, que se balouçava sôbre o *bisauté* das ondas, com o garbo de enorme cisne de asas negras. Uma manobra apressada de *amarissage* estabeleceu confusão, tanto que, Maria, que nesse momento subia o portaló, caiu ao mar. Houve gritos de aflicção, borborinho, pânico e Ricardo que aflito presenciara o desastre, sentia uma aguilhada funda no coração e, galvanizado, despe o casaco, atira-se à água e, dentro de poucos segundos, sobe à superfície, trazendo nos braços o corpo delicado de Maria, que pousou suavemente sôbre o barco. Maria entre-abre os olhos e vendo-o junto dela, disse-lhe baixinho: — Porque não me deixou morrer? Ele respondeu-lhe, num sópro, junto do ouvido: — Porque eu quero morrer também. Horas depois, o pai de Maria, nobre e rico lavrador alentejano, procurou Ricardo e disse-lhe: — Senhor, devo-lhe a vida de minha filha. Conheço o seu officio e, em recompensa, ofereço-lhe o melhor gado das minhas campinas. Ricardo, recebeu a chicotada, e ali mesmo, teve vontade de gritar, alto, ao cego egocentrismo daquele homem, que o seu gesto não tinha sido motivado pelo interesse, mas sim pelo coração. Mas, lembrando-se com amargor, da cena humilhante do Casino, respondeu sómente: Não aceito, obrigado. Ao outro dia, Ricardo e Maria desapareceram. Teriam ido para a Morte, ou para o Amor? O que é certo, é que nunca mais se ouviu falar dêles!



PRAIA DA ROCHA — Um aspecto dos rochedos

DA MULHER ALGARVIA

PELO DR. LUDOVICO DE MENEZES

○ SEU CALÇADO ○

A mulher algarvia tem fundamentalmente o pudor do seu corpo, que o traz recatado nos pés com calçado, sendo bem rara e desgraçada a que anda com âles nús, ao contrário da mulher do norte, onde pés nús, pelo comum, é regra geral. Compreende-se porquê: a mulher nortenha é para todo o serviço, ainda o mais árduo e pesado, aquele mesmo que no sul é, por êste motivo, reservado aos homens. Ela guia os carros, lavra as terras, cava as leivas, puxa os barcos e, quando calha, é besta de carga, faz-se moço de fretes.

Para serviços desta natureza querem-se pés folgados, que só em ocasiões solenes, domingos e dias de festa, se resguardam em chinelinhas graciosas, que os alindam.

Não assim a mulher algarvia. Sobre ela impendem também trabalhos, não há dúvida, mas êsses trabalhos são mais leves e proporcionados às suas fôrças, dêbeis na mulher. Ela é a companheira dedicada do homem, mas essa dedicação dá-a ela desveladamente, devotamente, carinhosamente, no correspondente esforço do seu braço fraco.

Ele lavra a terra, ela deita nos longos sulcos que os arados vão abrindo, longos como os mugidos dos bois, a semente promissora das futuras colheitas, o fruto bendito que mais tarde há-de vir prover a dispensa, animar o lagar e encher o celeiro. Ele cava a terra, em rude amanho de canseira; à torreira do sol, de noite e de dia, nunca as terras descansam no litoral do Algarve, desde que nasce o ano até que finda. Ela olha pelo lar, cuida dos filhos, prepara as refeições, entrega-se aos mais arranjos da casa. Ele planta o milho, espalha o grão pelo

torrão das sementeiras, amanhã a horta, dispõe os legumes, põe a hortaliça, poda o pomar, desponta o arvoredado do monte. Ela acarreta a lenha para a lareira, e pela terna frescura das madrugadas doces, ainda antes que a aurora venha com as suas côres rosadas tingir o horizonte de oiro e púrpura, ou ao langor espiritual dos pálidos crepúsculos vespertinos, quando tintas rituais de lilás amortalam o Céu em luto pela agonia do dia que finda, Ela, a qualquer destas duas horas benditas, horas suaves e consoladoras do abrir e fechar do dia, horas solenes e horas abençoadas. Ela, de saias arregaçadas e mão na enxada, diligentemente espreita a água que as noras vão despejando para as levadas em jorros amamentadores, e amorosamente a vai guiando, pelas regueiras gorgolejantes, para os canteiros do regadio, onde milhos, legumes e mais plantas nascentes, balbuciam as suas falas infantis ao sôpro brando e maternal da aragem.

Como querem, nestes termos que a camponesa algarvia, Ela, que tem tão recatado pudor dos seus pés, abelha incansável de trabalho em casa e nos campos, Ela, a quem na constância da sua faina não sobra tempo para, a cada passo, estar a mudar de calçado para mais geitoso, como querem que Ela deixe de vir às povoações, ou ande pelas estradas, com os mesmos sapatorros com que anda em seu serviço? Impressionam mal essas botorras? Mas certamente, mas naturalmente. Porque elas estão em estreita conexão como o meio agrário em que ela vive e com as condições da labuta a que laboriosamente se entrega. Não há que censurá-la pelo seu calçado.

Nestes tempos que correm

BRAZIL EM FOCO

POR MARIA PORTUGAL DIAS

Minha Excelentíssima Amiga:

— Recebido o seu gentilíssimo convite para o serão de arte em honra de Cecília Meireles, notável poetisa brasileira, pareceu-me, por me ser impossível comparecer, muito mais afastado o meu recolhido cenóbio de província.

Quizera ao menos enviar-lhe daqui um ramo de flores do campo, uma rosa que fôsse, do meu quintal — “Une rose d’automne est plus qu’une autre exquise,” mas nem os campos estão agora floridos, nem os quintais têm flores frescas.

À falta delas, e se quizer ser minha intérprete obsequiosa, entrego-lhe a minha expressa admiração, as minhas saudações sinceras, tôdas no pensamento que aperta e enche a indiscutível amizade luso-brasileira.

Separa-nos um oceano, é verdade, mas para nós, nenhum abismo, — apenas a distância da saudade.

Não separa, une.

De cá, de lá, o oceano é nosso. É o nosso espelho, reflete os nossos olhos, e neles, o mesmo orgulho de o termos dominado, de o termos devassado, de termos aberto por êle a via triunfal do nosso destino de civilizados, a via gigantesca que rasga horizontes para a grande civilização oceânica que se avizinha.

O caso da amizade luso-brasileira, o caso Brasil-Portugal parecerá na história do desagregamento dos povos, caso único de mutilação sem dor, o caso de divisão sem ódio, apenas a dor inevitável de um só momento.

Palavras mal escolhidas afinal. Palavra verdadeira, significativa, esta outra — sepa-

ração. Separação, forma especial de gerar, um caso de multiplicação de vida, de nova existência. — Pai e filho. Duas vidas, duas tarefas — a mesma obra possível

Na grande civilização oceânica que se avizinha, cada um no seu posto. Deste lado, o marco centenário, do outro o padrão novo erguido. Dupla acção, mas a mesma obra de civilização e de raça.

Por isso nós portugueses, quando uma figura representativa da sensibilidade brasileira se revela, orgulhamo-nos dela, quer nos chegue essa sensibilidade na exubante irisada, na onda sonora e embaladora do verso, quer na força do pensamento; ou seja no frêmito da emoção estética ou seja na onda do sentimento originário

Conhece-los é reconhecer logo o direito que têm ao seu lugar entre nós, pois falam a nossa fala, adivinhámos-lhe a nossa indole, sentimos nelas as aspirações da nossa alma comum.

É um que chega mas é um dos nossos — porque êle sabe o segredo do nosso lar, êle os contos da nossa lareira, êle as canções e o embalo de colo lustada.

Eis tudo o que presente eu lhe diria, a Cecília Meireles. Ausente, peço minha Excelentíssima amiga lho queira significar com a minha admiração sincera.

N. R.

A carta que acima publicamos, cheia de altas considerações sobre a amizade luso-brasileira, foi dirigida, por intermédio da Senhora D. Maria Amelia Teixeira, a Cecília Meireles, figura de colosso nas esteras literárias do Brasil. Lida em plano festo, no Club Brasileiro, a imprensa da Capital referiu-se a essas considerações e ao seu aspecto literário, atribuindo porém a autoria, à ilustre senhora que a leu.

Não existimos por isso, a transcrevê-la — cada coisa no seu respectivo lugar.

amendoeiras

em flor



*Andou a lua aqui, noites inteiras,
a semear os campos, em janeiro.
Veio a chuva e depois, em fevereiro,
floresceu o luar nas amendoeiras.*

*Os troncos alinhados em fileiras,
mostravam gesto bélico, guerreiro.
Mas ao grito de ignoto cavaleiro
desfraldaram pacíficas bandeiras.*

*Luar em flor !... — Será luar ou neve ? !
— Se éle andasse no céu tão branco e leve,
Se o não visse florido aqui na árvore,*

*ao ver tanta brancura, concerteza
ia supor que a própria Natureza
Trouxe a neve a emigrar para o Algarve*

António Pereira.



ARMAÇÃO DE PERA — Um aspecto da costa

Armação de Pera

Também esta praia alinhou na corrida para o Progresso que as praias algarvias vêm disputando há algum tempo.

Vem a propósito salientar que se trata de um adversário de respeito entre todos os que tomam parte na grande competição.

Armação de Pera, anémica ainda não há muito tempo, pela falta de higiene e de cuidados, conseguiu corar, tomar alento e gradual rebustez, e... abalada que foi no sentido da meta, se não logra comandar o pelotão... ocupa, pelo menos, para honra sua e dos seus admiradores, um lugar de destaque na luta que se impõe.

Não me cabe a mim render-lhe elogios. Cumpre-me tão sómente registar, sem mal disfarçado orgulho, a nova directriz do seu destino.

Pelo naturalíssimo instinto da comodidade, inerente à grande maioria dos

seres inteligentes (que os filósofos da crítica não interpretam mal o sentido da frase, tôda simplicidade...) por essa instintiva inclinação, dizia eu, pode dizer-se que passou de criada a senhora. Começou a vestir galas.

E assim é que quem lograr-se pôr pé na « Avenida dos amores, » já delineada, não resiste à tentação de curvar o dorso, reverente, ante a magestade do panorama, rico de côr, na magnífica multiplicidade de tons harmónicos e surpreendentes.

A elegante artéria, não sendo tudo quanto Armação de Pera vai em breve possuir de facto — e de direito, note-se bem! — é já um dos seus ademanes de Rainha.

Eu poderia dizer aqui, a quem tivesse a paciência de me ler, alguma coisa mais de muito que a praia espera possuir, com aquela fé que se habituou a ter nos seus méritos o que é o fulcro de tôdas as suas aspirações, muitas delas transformadas já em realidades. Isso seria, porém, abusar da hospitalidade da « Costa de Oiro » e tanto mais quanto é certo ter eu entrado em sua casa pela primeira vez e quasi sem licença... Fica para a outra vez, se a pachorra me permitir, e, sobretudo, se não me fecharem a porta.

MOURA LAPA



VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

NOTICIÁRIO

É esperada nesta cidade no fim do corrente mês, uma grandiosa excursão, que vindo do Porto visitará o Algarve.

Consta-nos que os excursionistas serão recebidos com grandes manifestações de regozijo havendo uma sessão solene na Câmara Municipal para apresentação das Boas-Vindas.

UMA grande esquadra Inglesa composta pelos couraçados « Nelson, » « Rodney, » « Royal Oak, » « Ramillies » e « Ravangaz, » pelo porta-aviões « Courageous, » pelos cruzadores « Stronghold, » « Southampton, » « Newcastle, » « Sheffield, » « Glasgow, » « Cornwall » e « Aurora » e pelas 5.ª e 6.ª flotilhas de contra-torpedeiros, estas últimas num efectivo de 18 unidades, concentrar-se-ão na nossa Baía de 11 a 14 de Março.

É de esperar que a tão illustres visitantes seja feita uma condigna recepção.

TÊM sido bastantes os excursionistas que, quer de automóvel quer de comboio ou camionete, têm, nesta quadra do ano, visitado a nossa Cidade e Sagres.

O atraso da floração das amendoeiras, porém, tem feito adiar para Fevereiro a vinda de vários grupos excursionistas.

O DR. JINARAJADASA visitará Lagos no dia 5 do próximo mês de Fevereiro, realizando no Cine-Theatro Ideal, pelas 21 horas, uma conferência subordinada ao título: « A Ciência e o Mental Divino ».

O Dr. JINARAJADASA nasceu em Colombo — CEILÃO — em 1875. Os seus pais eram hindus cingaleses. Aos 13 anos partiu para Inglaterra afim de melhor colher os benefícios da cultura ocidental. Depois de ter estudado sob a direcção de professores particulares, ingressou na Universidade de Cambridge onde brillantemente se formou passados 4 anos. De regresso à Índia foi nomeado Sub-Director do ANANDA COLLEGE.

Depois de um e meio de professorado, partiu para a Itália, fascinado por um ambiente de arte. Após dois anos de estudo, formou-se na Universidade de Pavia.

O DR. JINARAJADASA tem dedicado exclusivamente a sua vida a Ideias humanitárias, em cuja propaganda tem percorrido quasi todos os países da Europa e América. Para o bom êxito das suas conferências contribue o conhecimento profundo que tem das línguas Inglesa, Francesa, Italiana e Espanhola. Este illustre filólogo já por duas vezes honrou o nosso País com a sua visita, tendo feito conferências na Sociedade de Geografia, em Lisboa, a última das quais, em Português, sobre O FUTURO DA RAÇA LATINA.

Os seus escritos são fortemente impregnados de Ruskin e de Wagner, e um dos seus temas favoritos é a Arte como influencia no aperfeiçoamento moral.

FOI nomeado Provedor da Santa Casa da Misericórdia, o illustre clínico e nosso particular amigo e colaborador Dr. António Guerreiro Tello e Secretário e Tesoureiro da mesma Santa Casa, respectivamente os Srs. José d'Abreu Pimenta e Cap. José Nobre da Veiga.

Do espirito altamente intelligente do Sr. Dr. Guerreiro Tello, dos seus muitos conhecimentos e da minha simpatia de que Sua Ex.ª goza, tem imenso a lucrar o Hospital da Misericórdia de Lagos, que certamente ficara com obras e benefícios que perpetuarião a passagem de Sua Ex.ª pela Provedoria da Santa Casa da Misericórdia.

E' do nosso conhecimento que, devido ao impulso animador do nosso Provedor, será construida no nosso Hospital e por subscrição particular — já que as entidades competentes não ajudam — uma moderna e higienica sala de operações, que ficará sendo uma das primeiras do Algarve, adquirir-se-ão novo material cirurgico, e um aparelho de raios X, construir-se-ão casas de banho, instalar-se-ão um telefone, e que serão introduzidos muitos mais melhoramentos que collocarão o nosso Hospital como um dos melhores da provincia, digno de ser visitado por qualquer sumidade médica e apto a receber todos aqueles que, por infelicidade, dele venham a precisar.

TRANQUILIDADE

Companhia de Seguros fundada em 1871

Capital e reservas em 1936:
Esc. 4.655.755\$33

PORTO: Rua Cantão dos Reis, 105
(Edifício proprio)

LISBOA: Rua Augusta, 39 a 41
(Edifício proprio)

Seguros de Vida, contra Incendio,
de Automoveis contra todos os ris-
cos, Transportes terrestres e ma-
rítimos, Postais, Cristais contra
quebra.

Agente em Lagos: A. S. SIROES NETTO

TAMOS recebido, ultimamente, com regularidade o semanario da Capital «Humanidade» de que é Director o sr. Viana de Almeida.

NOTICIÁRIO

A revista «Costa de Oiro» tem a honra de apresentar-vos
uma das principais firmas distribuidoras
de filmes no nosso País

Filmes Luiz Machado, L.da

AVENIDA DA LIBERDADE, 161 - 163

L I S B O A

Fazem parte do 1.º grupo entre outros filmes de categoria:

A Canção da Terra
(português)
A Jornada Negra
A Marca do Zorro
(colorido)
Oiro que queima

Jim, o detective
Segue o teu coração
com linda musica
No fundo do Oceano
A Caminho da Gloria

Amores dum Sultão
Ordem de Fogo
Parada Triunfal
Os 3 diabos voadores
O Cigano Ladrão

e 6 filmes de aventuras e 3 em séries

Exibir tais filmes é ter a certeza de satisfazer todo o publico

Maquinas de escrever

ROYAL

Adoptadas pelo Governo Português

Maquinas de somar «Victor»

Maquinas de endereçar — Duplicadores

Livros de Folhas Soltas — Material para organizações commerciaes, industriaes,
agrícolas, serviços públicos, hospitais, consultorios, etc., etc..

Modelos desde Esc. 1.108\$00

Maquinas de calcular «Facit»

Classificadores e Ficheiros

Sociedade Comercial Luso - Americana, Ltd'.

Rua da Prata 141 a 147 — Telefones 22102 e 25281

L I S B O A

Agente em Lagos : João Duarte Dias

COSTA DE OIRO

é composta e impressa
na Tipografia Ferreira
L A G O S